

FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS PIAUIENSE - FACAPI
PÓLO – CAMPO MAIOR/ PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

OS DESAFIOS E AS ABORDAGENS DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM O
TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA – TEA NO AMBIENTE ESCOLAR:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

MARIA SIMONE MARTINS DOS SANTOS

CAMPO MAIOR - PI

2023

MARIA SIMONE MARTINS DOS SANTOS

**OS DESAFIOS E AS ABORDAGENS DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM O
TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA – TEA NO AMBIENTE ESCOLAR:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Instituto de Faculdade de Ciências Aplicadas Piauiense – FACAPI.

**Orientador: Professora Mestre Adelaide
Maria de Sousa Costa**

CAMPO MAIOR - PI

2023

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO

À COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA

**OS DESAFIOS E AS ABORDAGENS DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM O
TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA – TEA NO AMBIENTE ESCOLAR:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.**

MARIA SIMONE MARTINS DOS SANTOS

Banca Examinadora:

Prof.º _____

Orientador Prof. Mestre Adelaide Maria de Sousa Costa

Prof.ª _____

Examinador (a)

Prof.º _____

Examinador (a)

DEDICATÓRIA

À minha família, meu esposo, minhas filhas e meus colegas de turma.

AGRADECIMENTO

Nesta data tão importante quero em primeiro lugar agradecer a Deus por ter mi concedido estar aqui hoje, a meus pais principalmente minha mãe que sempre me apoiou, minhas irmãs que sempre ajudaram, as minhas filhas que sempre estiveram ao meu lado me dando apoio, as colegas que se tornaram amigas que costumo dizer que quero para vida, a meus amados professores que sempre estão à disposição pra nos ajudar nesta jornada, a toda a equipe da instituição por total compreensão dos obstáculos que passamos. Para hoje a palavra que tenho é muito obrigada a todos pois se hoje cheguei aqui, não foi só por mim, mas sim por todos vocês.

Seja corajoso e forte. Não tenhas medo e nem fiques apavorado, diante delas, pois Jeová, seu Deus, é quem marcha com você. Ele não o desampará e nem o abandonará.

Deuteronômio 31:6

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um distúrbio neurológico que afeta as relações sociais e afetivas: o comportamento, a interação social e a comunicação. É classificado em três categorias: leve, moderado e severo. No convívio escolar, existem muitas dificuldades que impossibilitam o desenvolvimento da criança em diversos aspectos, como cognitivo, social e psicológico. As escolas precisam estar preparadas para receber esse público, bem como contar com professores qualificados, recursos adequados, etc. Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo geral: Identificar os desafios enfrentados no convívio escolar das crianças autistas no sentido da inclusão. Tendo como específicos: Analisar quais as estratégias utilizadas no Sistema Educacional para a escolarização da criança autista; Verificar, através de estudo bibliográfico, como os professores devem lidar com a criança autista; Compreender como as Instituições Educacionais devem estar preparadas para receber a criança autista e oferecer um ensino de qualidade. Para tanto, o referido trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica que almeja compreender os desafios da criança autista no convívio escolar da Educação Infantil. Portanto, para o embasamento teórico, foram utilizados alguns autores como: (Cunha, 2016), (Silva, 2012), (Montoan, 2003), (Rodrigues, 2006), entre outros. A pesquisa busca analisar também as possibilidades de inclusão das crianças com TEA em escola regular frente a um ensino de qualidade e com aprendizagens significativas, sem alienações nesse processo.

Palavras-chaves: Criança Autista. Desafios. Inclusão.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is considered a neurological disorder that affects social and affective relationships: behavior, social interaction, and communication. It is classified into three categories: mild, moderate and severe. In school life, there are many difficulties that make the development of the child impossible in several aspects, such as cognitive, social and psychological. Schools need to be prepared to receive this audience, as well as have qualified teachers, adequate resources, etc. Therefore, the present research has as general objective: To identify the challenges faced in the school life of autistic children in the sense of inclusion. Having as specifics: Analyze which the strategies used in the Educational System for the schooling of autistic children; Verify, through bibliographic study, how teachers should deal with the autistic child; Understand how Educational Institutions should be prepared to receive the autistic child and offer a quality education. To this end, this work deals with a bibliographic research that aims to understand the challenges of the autistic child in the school life of Early Childhood Education. Therefore, for the theoretical basis, some authors were used, such as: (Cunha, 2016), (Silva, 2012), (Montoan, 2003), (Rodrigues, 2006), among others. The research also seeks to analyze the possibilities of inclusion of children with ASD in regular school in front of a quality education and with significant learning, without alienations in this process.

Keywords: Autistic Child. Challenges. Inclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZANDO A LEITURA.....	11
1.1 Um breve histórico sobre o autismo.....	11
1.2 Os desafios e as dificuldades no processo de inclusão da criança autista no ambiente escolar.	15
1.3 Como lidar com a criança autista na perspectiva do professor	21
CAPÍTULO II- MÉTODOS DE ENSINO PARA A ESCOLARIZAÇÃO DO AUTISTA	26
2.1 Método TEACCH.....	26
2.2 Método ABA.....	27
CAPÍTULO III - ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ALUNOS COM AUTISMO	29
3.1 A família da criança autista como parceira da escola.....	31
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA DA PESQUISA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

A criança autista vem enfrentando diversos desafios no decorrer da vida escolar. São inúmeros fatores que dificultam a inclusão no processo de ensino e aprendizagem. Incluir vai mais além, não basta matricular, é preciso oferecer condições para permanência na escola e garantir um desenvolvimento significativo.

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é caracterizado por problemas na comunicação, na socialização e no comportamento, geralmente diagnosticado entre 02 e 03 anos de idade. É considerado um distúrbio neurológico que afeta as relações sociais. É classificado em três categorias: leve, moderado e severo, dependendo da criança com um desses graus, esse pode apresentar dificuldades em determinados ambientes. Segundo Mello (2007), o Autismo é um distúrbio de comportamento, que consiste em uma tríade de dificuldades, são elas: dificuldades de comunicação, dificuldades de socialização e dificuldades no uso da imaginação. É ideal é que com a escolarização a criança autista se torne confiante e com autonomia.

O autismo, na atualidade, é um tema bastante abordado por diversos autores e pesquisas. Isso demonstra a necessidade em discuti-lo. A importância da temática discorre em fazer uma reflexão sobre os desafios que a criança autista enfrenta no convívio escolar e como deve ser a inclusão desse público nas instituições de ensino. Isso vai além da matrícula, é necessário um olhar direcionado para o processo de ensino e aprendizagem da criança, um olhar para o seu desenvolvimento em todos os aspectos.

A pesquisa busca analisar também as possibilidades de inclusão das crianças com TEA em escola regular frente a um ensino de qualidade e com aprendizagens significativas, sem alienações nesse processo. Entretanto, o estudo surgiu da necessidade de compreender, analisar e refletir sobre os desafios enfrentados no dia a dia do processo de escolarização das crianças autistas. Por ter uma criança autista na família, despertou-se o interesse de aprofundar o conhecimento acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA), suas dificuldades e desafios em sua vida escolar.

O presente estudo tem como objetivo geral: Identificar os desafios enfrentados no contexto escolar das crianças autistas. Tem como objetivos específicos: Analisar quais estratégias utilizadas no Sistema Educacional para escolarização das crianças autistas; Verificar no estudo bibliográfico como os professores devem lidar com a criança autista;

Compreender como as Instituições Educacionais devem estar preparadas para receber a criança autista e oferecer um ensino de qualidade.

A criança autista, em alguns dos graus, possui o temperamento forte e compulsivo que por vezes podem vir a ser violentas e agressivas ao ponto de não querer contato com ninguém ou, na maioria dos casos, acontece o isolamento social. A escola geralmente não está preparada para receber a criança com esse transtorno, com isso, são encontrados vários desafios nesse ambiente.

No convívio escolar, a criança com TEA tem muitos desafios a serem enfrentados, principalmente na socialização com as demais crianças, como também no adaptar-se a um ambiente que seja barulhento e agitado. O autista tem seu mundo particular, eles não permitem que tenham interações com as outras crianças, geralmente costumam ficar sozinhos em um canto. Em alguns casos, são agitados demais. Nessa perspectiva, é importante analisar o papel do professor.

Além das crianças com TEA terem dificuldades de adaptação nos lugares, também tem certa capacidade intelectual para aprendizagem e costumam ter habilidades excepcionais. Em outros casos, tendem a ser lentos para compreensão e atenção. Por isso, as instituições de ensino temem ao receber uma criança com autismo. É importante ressaltar também que o ensino superior deve preparar os profissionais da educação para lidarem com a inclusão dessas crianças. Partindo dessa premissa, o professor deve compreender o aluno e abraçar suas necessidades, assim procurando práticas para inclui-lo?

Segundo (Carvalho 2008), se o professor realizar um bom uso de suas práticas pedagógicas, será possível alcançar a inclusão.

A criança com esse distúrbio tem suas emoções, comportamentos e interações sociais afetadas. Assim, tendo limitações no seu dia a dia. Com a criança incluída na escola, com um ensino de qualidade e com professores capacitados, a aprendizagem se torna mais enriquecedora.

Este trabalho utilizou-se de pesquisas bibliográficas em livros e artigos científicos e contou como a contribuição de autores como: Cunha (2016), Silva (2012), Montoan (2003), Rodrigues (2006), entre outros. Portanto, a referida pesquisa apresenta inicialmente um breve percurso histórico e conceito sobre o autismo. Em seguida, os desafios da criança autista na escolarização: Educação Infantil. Posteriormente, segue o tópico: como lidar com o autista em sala de aula na Educação Infantil sob o olhar do professor. Apresenta também os métodos de ensino para a escolarização: Método TEACCH e ABA, e, por fim, as estratégias pedagógicas no ensino de alunos com autismo, bem como nossas considerações.

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZANDO A LEITURA

O autismo é uma síndrome que afeta fatores comportamentais, verbais e sociais do portador, e que necessita ser desde cedo trabalhado, para que essa criança possa ir tendo desenvolvimento para a sua vida adulta.

Pensando nas características próprias da síndrome, a escola em âmbito geral ainda não está preparada para receber essas crianças nas salas de ensino regular, principalmente quando não existe um diagnóstico atestando se o aluno é portador de autismo e qual o grau.

A educação de uma criança autista representa, sem dúvida, um desafio para todos os profissionais da Educação. A singularidade e a insuficiência de conhecimento sobre a síndrome nos fazem percorrer caminhos ainda desconhecidos e incertos sobre a melhor forma de educar essas crianças e sobre o que podemos esperar de nossas intervenções.

Compreende-se o quão desafiador é para educadores, família e para a própria criança a educação de crianças portadoras de autismo, uma vez que ainda são muito novas as discussões sobre essa deficiência e a escola nem sempre está preparada para lidar com a inclusão de crianças autista dentro das salas de ensino regular.

O objetivo principal da inclusão de portadores de autismo na escola é ajudá-lo a se adaptar melhor com o meio e com a convivência e desenvolver aprendizado de cuidados pessoais, de linguagem oral e escrita entre outros.

O autismo é um transtorno que atrasa o desenvolvimento do indivíduo, no que se refere a comunicação, oralidade, socialização com o meio e com as outras pessoas, na imaginação criatividade entre outros. As escolas ainda não estão totalmente preparadas para receber esses alunos nos níveis de suas necessidades especiais, porque lhes falta adaptação curricular, reformulação de critérios de avaliação e outras estratégias para desempenhar de forma favorável estes indivíduos. É preciso considerar que as crianças autistas chegam a escola cheios de dificuldades que são impostas pela síndrome do autismo, está nesse sentido o grande desafio proposto aos professores, pois cabe a ele assumir o papel de mediador do ensino e da socialização desse aluno.

1.1 Um breve histórico sobre o autismo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Autismo é considerado uma característica complexa que impacta no desenvolvimento do ser humano, podendo interferir na forma de agir em determinados ambientes, ocasionando desafios sociais no comportamento e na comunicação. Albuquerque (2015) ressalta que o autismo é um termo que vem do grego (autós), ele se refere à pessoa que evita o contato com o mundo exterior. Esse termo é utilizado na psiquiatria para dar nome ao comportamento que é concentrado em si mesmo e retorna para o próprio indivíduo, além de existir diversas outras formas para ser definido o autismo. De acordo com Rodrigues (2010, p. 19), (...) Bleuler propõe uma “ausência da realidade”, com o mundo exterior, e, conseqüentemente, impedimento ou impossibilidade de comunicar-se com o mundo externo, demonstrando atos de um proceder muito reservado.

O autista é considerado uma pessoa com falta de presença em sua realidade, pois vem de um mundo diferente, assim não lhe permitindo ter os mesmos comportamentos que uma criança considerada “normal”.

Os estudos começaram há muito tempo pelo psiquiatra Leo Kanner, onde observou crianças que apresentavam comportamentos diferentes de uma criança dita “normal”. Observava alterações na fisionomia, no intelectual, na linguagem e atrasos no desenvolvimento.

Segundo Rodrigues (2010, p.18):

Kanner, em 1949, refere-se ao quadro, com o nome de autismo infantil precoce, evidenciando serias dificuldades de contatos com pessoas, ideia fixa em manter os objetivos e situações sem variá-las, fisionomia inteligente, alterações na linguagem do tipo inversão pronominal, neologismo e metáforas.

Autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) impacta no desenvolvimento da pessoa, interfere em tudo que se encontra ao seu redor, na socialização, comportamentos e na comunicação. Elementos esses que são desafiadores para quem tem TEA. Segundo Brito (2015, p. 82), “o autismo é uma síndrome complexa que afeta três importantes áreas do desenvolvimento humano que é a comunicação, a socialização e o comportamento”.

Os sintomas da criança são aparentes no começo e agrupam várias dificuldades, especificamente em três tipos: comportamento, socialização e a comunicação, que vem agravado no início e logo se torna perceptível. Na interação social, costumam ser bem fechados e isolados em alguns casos, sendo totalmente desconectados com o mundo lá fora. Os autistas podem apresentar habilidades incríveis. Em alguns casos, costumam ser pessoas bem inteligentes e observadoras.

Uma criança dita “normal” desde pequena corresponde a estímulos. Ao sentir algo, a criança com TEA também corresponde, mas não como uma criança considerada normal. De acordo com Rodrigues (2010, p. 22), a ausência do comportamento que representa dor, perigo e medo nos autistas é despercebida. O desenvolvimento emocional é confuso, surgem sorrisos inesperados. Porém ser uma capacidade restrita para exprimir afetos e entender emoções.

Portando, é difícil identificar o estado emocional do autista, encontrando dificuldades para saber a forma que realmente vai agir em determinadas situações, já que não se sabe de verdade o que ele está sentindo no momento. A criança torna-se agressiva, impulsiva, chora e grita bastante em alguns casos, apenas pelo fato dele não saber lidar com suas emoções, principalmente as emoções negativas como raiva, medo, tristeza e vergonha. O estado emocional do autista muda constantemente e é importante observar, compreender e saber agir quando se trata do TEA.

O autista apresenta também dificuldades em sua linguagem, não permitindo ter uma boa interação e, algumas vezes, se torna incomunicável. Além disso, ele pode estar desenvolvendo uma série de habilidades que não seja somente as verbais, permitindo entendermos o que desejar repassar.

Para Orrú (2012, p. 185),

É por meio da linguagem que o indivíduo realiza sua interação e cultura, avançando em seu envolvimento social e definindo sua própria identidade. Todavia, é na linguagem, portanto, na comunicação, que se concentra uma das dificuldades para as pessoas com autismo, uma vez que poucas desenvolvem habilidades para a conversão, embora muitas desenvolvam habilidades verbais e grande parte consiga desenvolver somente habilidades não verbais de comunicação.

O autismo é considerado como uma condição crônica, mas não uma doença, pois de fato não há cura. É genética e ainda não se têm respostas para o seu acometimento. A criança é olhada pelo seu modo de ser, no entanto, o mais importante é entender suas várias formas de abordagem. O que funciona para um, deve não servir para todas.

O diagnóstico precoce é importante e sintomas iniciais já aparecem nos primeiros meses de vida. Geralmente, é realizado por meio do quadro clínico que a criança obtenha. Não existem exames laboratoriais que detectem o autismo, mas uma avaliação completa é feita por psiquiatra, neurologista e o com o acompanhamento de psicólogo, entre outros profissionais (MELLO, 2001).

O acompanhamento da família é importante nesse momento. É indicado que seja um médico especializado para diagnosticá-lo, onde somente ele pode solicitar exames caso haja a necessidade para investigar o quadro apresentado e que possa levar a uma resposta concreta.

Em seguida, encaminhar para psicólogos, psicopedagogos, assim construir sua estabilidade com apoio dos familiares (Schwartzam e Assunção Jr, 1995).

O diagnóstico faz toda a diferença. Não é só melhor para definir o autista, mas é importante para descobrir outras patologias como o retardo mental, a deficiência auditiva, síndromes de lesões orgânicas cerebrais, entre outras (Gauderer, 1993). É normal que o diagnóstico demore por ser desconhecido ainda o que a criança apresenta para os médicos como também para pediatras, professores e, por fim, os pais. A família tem essa dificuldade para aceitar o problema do seu filho. No decorrer do tempo, vão percebendo que certo comportamento é inadequado, apesar de fazer parte do desenvolvimento da criança em uma certa idade.

Para ser realizado o diagnóstico, é preciso passar por todo um processo exigido através de critérios, escalas, manuais, questionários e ferramentas essas que são precisas para o profissional realizar o procedimento.

A realização da avaliação comportamental segundo Hayes (1987) citado por Silves (2000, p. 16), “é a identificação e a medida de unidades significativas de respostas e de variáveis controladoras tanto no ambiente quanto orgânicas com a finalidade de entender e alterar o comportamento humano”. Essa avaliação inclui os pais por meio de questionários e entrevistas. A observação é feita em consultório com a criança, em casa e na escola, tudo com propósito de observar seu comportamento em situações naturais e lúdicas. Todo esse processo é importante para que o terapeuta analise (CID-10 - Estatística Internacional de Doenças, 1993).

Os critérios utilizados para diagnosticar a criança autista são por:

“(a) um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes de idade de três anos; b) apresentado uma perturbação característica do fundamento em cada um dos três domínios seguintes: interação social, comunicação, comportamento repetitivo. Além disso, o transtorno se acompanha comumente de numerosas outras manifestações inespecíficas, por exemplo, fobias, perturbações do sono, alimentação, crises de birras ou auto-agressividade” (p. 246-247).

O PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) é um instrumento voltado ao autista, para avaliar, suspeitar sobre o autismo ou qualquer outro distúrbio do neurodesenvolvimento. Ele auxilia na descoberta de todas as dificuldades na comunicação. Seu resultado possibilita identificar irregularidades que comprometem o ensino e o aprendizado. Esse instrumento foi criado para teste em crianças na faixa etária entre 1(um) a 12 (doze) anos. Ele avalia áreas como coordenação motora ampla e fina, percepção, comunicação verbal, entre outros. Cria

tarefas a serem realizadas para garantir resultados e focar nas necessidades da criança (Leon & Bosa, 2005).

As percepções apresentadas por manuais (DSM e CID) têm o objetivo de mostrar as principais características do autista que podem ser identificadas ao longo do processo do diagnóstico e que podem ser descobertas a tempo, antes de causar danos mais graves à criança. Mostrar que existem formas para avaliar e descobrir problemas que sejam prejudiciais.

Os sintomas são aparentes de maneira que a criança vai apresentando o caso. Enquanto bebê, os sintomas podem não ser percebidos, mas com o decorrer do tempo a criança vai crescendo e vai se tornando visível o atraso na fala, demonstrando desinteresse pelas pessoas e o ambiente ao redor, apresentando movimentos repetitivos, fascinados em objetos giratórios e dificuldades com hábitos pessoais como tomar banho, se vestir, escovar os dentes. Apresentam dificuldades na alimentação e, em alguns casos, chegam a ser comum. Geralmente, a partir dos dois anos de idade, a criança apresenta esses problemas, chegando a ser agressivo em casos mais severos (Gaudener, 1993).

Bosa (2006) afirma que os autores citados defendem o diagnóstico precoce acima, apesar de ser raro. É importante que seja feito na criança para se desenvolver e evitar danos graves em suas habilidades.

Em relação aos tratamentos, existem muitos que podem proporcionar ao autista ser independente e autônomo, com acompanhamento de psicoterapeuta, psicanálise, terapia familiar, análise comportamental, educação especial, tratamentos medicáveis como (psicotrópicos, anticonvulsivantes, estimulantes cerebrais, dieta glúten, entre outros tratamentos e métodos a serem utilizados (Gauderer, 1997).

O autismo é algo desafiador para a área da saúde, por ser um transtorno que tem uma complexidade de sintomas. Uma pessoa cheia de sentimentos e dificuldades que se diferencia de muitos casos que já vêm sendo estudados. O tratamento é de acordo com os resultados e acabam não sendo eficazes por determinado tempo. É algo que está sendo estudado sempre para proporcionar à criança a melhor forma de tratar e conviver com o transtorno, podendo sim levar uma vida normal. Apesar de ser sempre estudado, há sempre modificação e vai cada dia mais sendo ampliado e alguns tipos de autismo vêm revestindo.

1.2 Os desafios e as dificuldades no processo de inclusão da criança autista no ambiente escolar.

É importante considerarmos que um dos objetivos da escola é formar cidadãos que possam receber ensino de qualidade, garantindo a forma assistemática do aluno para o crescimento intelectual a fim de desenvolver diversas habilidades. Nos primeiros anos de vida, é importante a socialização entre as crianças. É fato que elas já socializam fora do ambiente escolar e essa aproximação torna-se ideal para conhecer o ambiente onde vai passar a maior parte do seu tempo: a escola. Podemos acrescentar que para uma criança “dita normal”, às vezes, essa socialização nesse ambiente pode ser complexa, para os autistas é ainda mais.

É desafiador para uma criança com autismo se encontrar na escola, mas é também um meio para criar laços e vínculos que poderão ajudar a vencer esses obstáculos e também contribuir para que o aluno possa estar tendo contato social. Acerca disso, Silva (2012, p. 74) afirma que a vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo à vida adulta.

É fundamental que a criança tenha acesso à escola e nela possa superar seus medos, pois é onde se aprende a viver em sociedade e adquire mecanismos para se adaptar e conseguir ultrapassar seus limites. Torna-se relevante a integração da criança autista na escola.

A escola tem o papel de fazer uma análise da educação, procurar formas para incluir alunos com autismo de modo que desenvolvam suas capacidades de interagir tanto no ambiente escolar, como com as demais crianças. A família é também responsável para ajudar a criança a torna-se independente, conseguindo superar suas dificuldades em determinadas situações com apoio familiar, carinho, atenção e paciência.

A inclusão é sempre algo a ser falada, justamente por ser um assunto complexo, urgente e necessário. Quando se trata de inclusão, falamos em incluir e inserir um aluno por direito, independente de sua dificuldade. A Constituição Federal de Brasília de 1998 afirma que todos têm direito à educação, e o autista tem esse mesmo direito por lei. A escola vem para integrar a criança socialmente, fazendo com que ela tenha contato com outros sujeitos além dos seus familiares, assim contribuindo para o seu desenvolvimento social. De acordo com Vasques; Batista (2003, p.9), [...] mais que um exercício de cidadania, ir à escola, para as crianças com psicose infantil e Autismo poderá ter valor constitutivo, onde, a partir da inserção escolar seja possível uma retomada e reordenação da estruturação psíquica do sujeito.

A proposta da educação inclusiva (Tratado da Guatelmala, 1991; Declaração da Salamanca,1994;): Segundo esses autores, os alunos com qualquer deficiência têm a possibilidade de integrar numa escolar regular, apesar de muitas dificuldades encontradas nesse aspecto. É por lei que sejam inseridos numa escola, independentemente de sua deficiência mental, cognitiva ou algum outro transtorno. A escola deverá adaptar-se com as mudanças de acordo com as necessidades para os alunos da classe.

Encontramos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1996), no artigo 59, que “os sistemas de ensino devem assegurar aos educandos com as necessidades especiais: I- currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender suas necessidades”.

Foi propagado em 2008 a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, para assegurar que deve ter acesso a participação e aprendizagem os discentes com deficiência, transtorno globais e alta habilidade na instituição regular (Brasil, 2008).

O Ministério da Educação pressupõe que a Política Inclusiva, a reestrutura do sistema educacional tem como objetivo que a escola seja espaço para todos, seja democrática para garantir a permanência do discente sem distinção social ou de gênero. A escola é um espaço para todos, é ambiente onde o ser humano constrói seu conhecimento e aprende habilidades que serão necessárias para trabalhar atividades e jogos didáticos que fazem a diferença na aprendizagem. A inclusão escolar supõe que todos sejam inseridos, independente de qual for a condição física ou mental.

A escola deve proporcionar a Educação Inclusiva para oferecer ensino de qualidade para pessoas com deficiência, estilos e comportamentos diversos. Acreditamos que a inclusão dessa criança com TEA sempre deva ser um tema discutido entre profissionais da educação. Atualmente, abordar o termo inclusão do aluno autista é muito difícil em muitas instituições pelo fato de não estarem realmente preparadas para ela. Mesmo sendo complicado lidar com certas situações, é fato que com muita paciência é possível ensinar e integrar no convívio escolar. De acordo com Cavalcanti, o conceito de inclusão deve estar contemplado no projeto pedagógico da escola. Atividades com esse propósito se encaixam no dia-a-dia dos professores e alunos e tendem a dar resultados a longo prazo (CAVALCANTI, 2006, p. 164).

A criança autista apresenta diversas dificuldades e desafios no ambiente escolar, e é assustador quando a instituição não lhe oferece o apoio necessário ao adentrar em seu ambiente. É preciso ser muito mais do que um profissional, é preciso ser humano e ter empatia com a criança que está chegando num ambiente diferente e não preparada para os

novos desafios. O apoio da família é fundamental; família e escola precisam “caminhar” juntas. É necessária disposição e entrega no trabalho que está fazendo para desempenhá-lo bem, isso conta bastante, mas, infelizmente, não acontece em todos os casos. É preciso todo cuidado e cautela para lidar com a criança autista.

Para Gauderer (1987), as crianças portadoras de autismo apresentam dificuldades de aprendizagem significativas, no que se refere ao uso correto das palavras, mas que a inclusão e o convívio com outras crianças podem favorecer para que eles possam se desenvolver melhor na linguagem, na interação social e no próprio processo de aprendizagem.

Nesse aspecto, o papel da escola está pautado em proporcionar para essa criança situações que instigue o seu desenvolvimento educacional e social, assim, é necessário que esta escola consiga estar preparada de forma adequada para que receba as crianças, e promova a interação com as crianças ditas “normais”.

A legislação em vigor desde 1999 afirma que a escolarização dessas crianças deve acontecer, preferencialmente, no sistema regular de ensino, mas sabemos o quanto é penoso para os educadores ter em sala de aula alunos que estão imunes ao estabelecimento do laço social, que não tem curiosidade pelo conhecimento e que não entram no regime das relações e trocas sociais (BASTOS e KUPFER, 2010, P. 16).

Não se pode esquecer que no âmbito do processo de ensino e aprendizagem, a família é uma importante aliada para que isso ocorra dentro dos parâmetros da inclusão de modo que a criança consiga ter um desenvolvimento que minimize as características próprias do autismo, como por exemplo a dificuldade de interação com as outras pessoas.

É necessário, portanto, que tanto na escola quanto no anseio da família essa criança sinta-se querida, e que a presença dela faça bem as outras pessoas, para que ela possa sentir prazer em conviver com seus semelhantes. Sabe-se que o nível de aprendizagem do portador de autismo é lento e acontece de forma gradativa, e assim, é indispensável que o professor adapte a sua maneira de ensinar a maneira com que essa criança aprende, partindo da comunicação se fazendo entender e buscando entender os anseios do aluno.

No contexto da inclusão de alunos autistas, o professor tem o importante papel de dar atenção a essas crianças e promover a interação dela com os demais da turma, e para tanto, é importante que se conheça as características da deficiência para que possa atuar promovendo o desenvolvimento dessa criança, pois o ensino por meio da funcionalidade é um dos principais objetivos de trabalho para que se possa alcançar a aprendizagem da criança autista. É necessário que esse professor esteja atento a cada vez que a criança solicitar para que possa

atende-lo para que ele não se sinta menosprezado diante da turma, a interação com o professor e com os demais da turma favorece inegavelmente o desenvolvimento da criança autista.

O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu potencial, de acordo com sua idade e de acordo com o seu interesse. Se a criança estiver executando uma atividade nova de maneira inadequada, é importante a intervenção rápida do professor, mesmo que para isso seja necessário segurar a mão da criança ou até mesmo dizer-lhe a resposta. (PEETERS, 1998 p. 54)

Portanto, na escola a criança pode passar pelas mais diversas experiências, seja positiva ou não, e é necessário um cuidado para que os conteúdos e atividades propostas estejam em conformidade com o seu tempo de aprendizagem e suas peculiaridades próprias. Assim, é necessária uma atenção especial do professor para averiguar quando a atividade não estiver se adequando para que possa intervir imediatamente. Atualmente não é fácil abordar a temática da inclusão do aluno autismo, pois isso concerne em inserir o aluno em contexto de aprendizagem que não é igual ao que ele é acostumado, e ainda tentar adequar-se ao seu comportamento e atitudes e tentar favorecer a aprendizagem e diminuir os sintomas de dificuldades de convivência que geralmente essa criança apresenta.

O conceito de inclusão deve estar contemplado no projeto pedagógico da escola. Atividades com esse propósito se encaixam no dia-a-dia dos professores e alunos e tendem a dar resultados a longo prazo. (CAVALCANTI, 2006, p. 164)

É preciso que a escola compreenda o que é incluir e que se disponha a arcar com os desafios da inclusão, tal como com os benefícios que inclusão gera tanto para a prática pedagógica quanto para formação cidadã dos alunos dessa escola. Dentro desse aspecto, a escola deve ser compreendida como um espaço universal, onde todos têm o seu lugar e consegue construir o seu conhecimento e valores por meio da interação social, das atividades realizadas em sala e das ideias que expressam dentro de âmbito de aprendizagem.

Desse modo, a escola precisa receber a criança autista sem uma opinião formada de que ela não vai conseguir interagir, é preciso propor essa interação levando em consideração a velocidade com a criança vai ganhando confiança e se socializando com os demais.

Nesse aspecto, numa visão de incluir esse aluno na escola regular, é propor a ele a interação necessária para que essas características sejam minimizadas e para que a criança consiga aprimorar o seu intelecto, possa verbalizar mais e principalmente aprender a conviver. Porém, sabe-se que não é função apenas da escola contribuir com a aprendizagem das crianças, principalmente nesse caso, é necessário que a família também se disponha a

trabalhar principalmente a capacidade de interação social das crianças, para que elas não sofram grandes perdas de desenvolvimento.

Entende –se que, quando os pais da criança autista se tornam parceiros da instituição de ensino e dos professores de forma direta, acontece aí uma contribuição mútua com o mesmo objetivo da aprendizagem de crianças autistas.

A criança deficiente tem as mesmas necessidades emocionais que as outras crianças. Ela necessita de amor, sem ser sufocada com cuidados ou ser sujeita à super tolerância e, acima de tudo, deve ter oportunidades para realizações, autocontrole e o direito de alcançar um lugar de adulto, independente, na sociedade. (BORGES, 2000, p. 34)

Portanto, a escola tem um importante papel no processo de inclusão, e no que diz respeito às crianças com autismo é preciso conhecer a deficiência e ainda buscar parceiras com a família e toda a comunidade escolar para que seja possível realizar um trabalho significativo para o aluno.

É responsabilidade da escola proporcionar uma educação inclusiva para todos, bem como conhecer as características do aluno e buscar condições físicas e currículos necessários; informações sobre o caso, o diagnóstico e preparar os professores com capacitações para estarem informados sobre o assunto, assim adaptando e modificando o que for preciso. Analisar o campo escolar para tentar buscar a melhor forma de desenvolver as crianças, oferecendo suporte para incluí-las nas atividades didáticas e lúdicas para facilitar a aprendizagem, desenvolver projetos, até programas de inclusão. Lembrando que o acompanhamento de terapeutas, psicólogos e entre outros profissionais ajudam a criança com TEA. O apoio de todos os envolvidos nos dois ambientes (escola e família) aumentam as chances para a inclusão acontecer. É ideal para a mesma que a criança tenha suporte como tutores para auxiliarem juntamente com o professor.

A escola para se torna inclusiva, deve acolher os todos os seus alunos, independente de suas condições sociais, emocionais, físicas, Intelectuais, linguísticas, entre outras. Ela deve ter como princípio básico desenvolver uma pedagogia capaz de educar e incluir todos aqueles com necessidades educacionais especiais e também os que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes, pois a inclusão não se aplica apenas aos alunos apresentam algum tipo de deficiência (MANTOAN, 2008, p.143).

1.3 Como lidar com a criança autista na perspectiva do professor

Um dos grandes desafios que os professores e diretores pedagógicos encontram é lidar com a criança autista, pois o processo de ensino e aprendizagem deve ser modificado e adaptado. Assim fazendo com que sejam inseridas na escola estratégias inclusivas. Trabalhar com autista é uma questão que vem sendo discutida, já que não há uma forma exata de como lidar em determinadas situações.

Quando se estuda sobre a inclusão no âmbito escolar, logo se recai sobre a função do professor dentro dessa vertente, pois ele é quem estabelece um contato mais próximo e contínuo com o aluno incluído, é diante dele que o desenvolvimento desse aluno vai passar. Com as novas implicações da sociedade e da educação, logo o professor vem acumulando novas responsabilidades, e como cada vez mais a inclusão vem sendo discutida e tomando espaços nas escolas regulares, o papel do professor se torna cada vez mais relevante.

Assim, o professor assume com cada vez mais eficiência o seu papel de mediador, para que possa propor aos alunos autistas momentos de interação social, mas de uma maneira muito cautelosa, pois os alunos chegam à escola com uma certa resistência no convívio, pois faz parte da sua síndrome a dificuldade de interação.

Quando o professor compreende essas dificuldades do aluno, ele consegue orientar os alunos da turma para que a interação aconteça de forma minuciosa, lenta de acordo com a abertura é dada pelo o aluno autista, em contrapartida, é função dele propor esses momentos que despertem a interação social. No entanto, não basta apenas inserir o aluno é preciso propor a ele situações que despertem a aprendizagem, e a interação social. Assim, é o professor que elabora e proporciona os métodos de ensino que satisfaçam essas necessidades de inclusão. Portanto, o professor precisa assumir uma postura de mediador do ensino, e compreender a todas as necessidades que são apresentadas pelos seus alunos, inclusive de como propor a inclusão e aprendizagem na mesma proporção.

As crianças autistas apresentam dificuldades no que se refere a entender as relações humanas, e tal comportamento corrobora com um desafio importante para o professor, as vezes a presença desse aluno pode até de antemão assustar o professor, e por isso é preciso que para que ele possa cumprir o seu papel de educador possam ser disponibilizados suportes para que esse processo seja possível.

O pressuposto fundamental de qualquer trabalho educacional é crer na possibilidade de mudança do outro. A atividade do professor está relacionada à transformação do

sujeito educando; se não acreditar nesta possibilidade, seu trabalho carece de sentido. (VASCONCELLOS 1995, p. 33).

Assim, o professor tem a importante de missão de contribuir para que as dificuldades que o aluno traz possa ser minimizada, para tanto é preciso que ele acredite nessa mudança, além de propor situações para isso. Nesse aspecto, o papel do professor é possibilitar a interação entre a criança autista e o restante da turma, obedecendo as peculiaridades que cada um apresenta. É preciso adequar métodos de ensino par que essa interação aconteça, mudar a sistemática da sala, propor situações lúdicas para que os alunos possam expressar as suas características de criança.

É importante que o professor também reconheça em que nível de desenvolvimento estão os seus alunos e quais as dificuldades que eles apresentam, para que a partir de então possa propor esse saber.

Cada criança responde de uma maneira diferente aos estímulos e deve ser olhada de forma subjetiva. Apesar de terem sido diagnosticados com o mesmo transtorno, o desafio da educação consiste em compreender relações sociais, didáticas e metodológicas do autista a partir da Educação Infantil, analisando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e a influência familiar. Ressalta Cunha, (2016, p. 23) que o autismo tem que ter um olhar pedagógico e sabermos como lidar na escola e como abordá-lo, os sintomas variam muito de indivíduo para indivíduo. Em alguns quadros, há o acometimento de convulsões, já que o transtorno pode vir associado a diversos problemas neurológicos e neuroquímicos.

A criança com autismo apresenta uma série de fatores que envolvem tudo que há a sua volta, a interação social, comunicação, audição, tátil e a incapacidade voltada a um determinado lugar ou assunto. Existem alguns quadros que associam a diversos problemas ocasionados e alguns hábitos que costumam realizar conseqüentemente sem nenhuma mudança na rotina.

É interessante a organização dos espaços e atividades todos os dias no mesmo horário. Esse comportamento que o autista demonstra é tipo uma obrigação que eles presumem que devem fazer em determinado tempo, na escola não seria diferente. A partir do momento de adaptação, eles criam uma rotina estudantil para realizar as atividades de classe. A forma de como se dirigirem aos objetos e o fato de não fixarem o olhar diretamente para a pessoa ou lugar são agravantes. Sua atenção é algo a desejar, são crianças distraídas e perdem o foco ou a atenção muito facilmente.

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instruir

os alunos. E muitos menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos (MANTOAN, 2003, p. 12).

Portanto, é importante que a escola não continue ignorando o que acontece à sua volta, sempre há diversas crianças com deficiência e, na maioria das vezes, a instituição não está preparada para recebê-las. No entanto, o que acontece nas salas de aula é que, de certa forma, os alunos ditos “normais” são tratados diferentes dos alunos com deficiência ou com algum transtorno. Geralmente, o professor fica preso naquela diferença entre eles. Sendo que essa situação não poderia acontecer, e sim oportunizar uma atenção especializada a essas crianças pelo fato de não acompanharem o mesmo ritmo das demais.

O professor é essencial no processo de desenvolvimento da criança autista. O professor pode ajudar a buscar formas para inseri-lo na sala de aula. Tudo é questão de adaptação e adequação. São mudanças necessárias para atender às necessidades do aluno, respeitando suas limitações. O apoio integral da escola é preciso para atender às expectativas que buscamos obter, acreditando que a criança aprenderá da melhor forma dentro da sala de aula e na convivência à sua volta.

O papel do professor é inserir a criança na sala de aula e de procurar métodos para incluir as atividades de classe e melhorar o ensino e aprendizagem. Diante do exposto, é sua a responsabilidade de educar e adaptar com o aluno, assim atendendo suas prioridades. É dever do professor se organizar e procurar formas de chamar atenção, como ornamentação do ambiente, deixando a sala de aula mais atrativa e interessante. O professor é o caminho para ensinar e desenvolver a criança para que ela possa trabalhar suas habilidades.

De acordo com Santos (2008, p. 30), o nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é tendo e gradativo. Portanto caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP desenvolvimento e nível de comportamento. E de responsabilidade do professor atenção a sensibilidade dos alunos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses autista.

É responsabilidade do professor adequar-se ao modo de ser de cada aluno. Procurando meios de fazer com que as crianças socializem. Para ter uma boa interação, é interessante o professor avaliar o aluno em um determinado grupo de crianças na mesma faixa etária. Assim, tentando conhecê-lo melhor, é essencial que o profissional deve ser muito humano, pois é preciso que tenha uma atenção especial e a sensibilidade para compreender a importância que é uma criança na escola com ou sem deficiência.

Segundo Cunha (2016), o diagnóstico é algo cauteloso e o professor, por conviver com a criança na escola, precisa observar o comportamento ou alguma alteração que tiver nas primeiras identificações juntamente com o corpo docente da escola, também procurar ter um diálogo com os familiares para assim buscar o melhor meio para que a criança seja tratada. Logo após a criança ser diagnosticada, é imprescindível trabalhar encima das suas necessidades.

O diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento da educação. O que torna o papel docente fundamental, pois é na idade escolar, quando se intensifica a interação social das crianças, que é possível perceber com maior clareza singularidades comportamentais. Será sempre pertinente o professor ou a professora observar atentamente seu aluno, quando este apresentar algumas das seguintes características comportamentais: retrai-se e isolar-se das outras pessoas; não manter o contato visual; desligar-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação a metodologias de ensino; não demonstrar medo diante de perigos; não responder quando for chamado; birras; não aceitar mudança de rotina; usar as pessoas para pegar objetos; hiperatividade física; agitação desordenada; calma excessiva; apego e manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares no corpo; sensibilidade a barulhos; estereotípias; ecolalias; ter dificuldades para simbolizar ou para compreender a linguagem simbólica; e ser excessivamente literal, com dificuldades para compreender sentimentos e aspectos subjetivos de uma conversa (CUNHA, 2016, p. 24-25).

Essas características são avaliadas pelo professor a partir do momento que ele está na escola. É ideal que o mesmo procure estudar o laudo da criança para entender e trabalhar metodologias pedagógicas apropriadas, juntamente com carinho e atenção, para que o ensino e aprendizado do aluno autista tenham êxitos. Uma das ferramentas necessárias para o educador é procurar recursos para ensinar de acordo com as dificuldades que podem ser encontradas.

O professor precisar ter cuidado com as metodologias que vai trabalhar com as crianças. Não existe uma regra específica para cada criança, pois existem diversas formas interessantes de ensinar. Alguns autores relatam que a aprendizagem é muito valiosa sendo feita através do lúdico. Para Lee, o brincar é a principal atividade da criança na vida, através do brincar ela aprende as habilidades para sobreviver e descobre algum padrão do mundo confuso em que nasceu (LEE, 1977, p. 340).

As brincadeiras, sem dúvidas, têm sua importância para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e inclusão social. São essenciais na vida estudantil do autista. Aprender brincando ajuda a ter diversas habilidades como motora e sensorial, auxiliando-o numa vida melhor em

sociedade. Vygotsky e Luria (1996, p. 220) afirmam que o homem é uma criatura social, e as condições socioculturais o modificam profundamente, desenvolvendo toda uma série de novas formas e técnicas em seu comportamento [...].

Consideramos que a primeira pessoa a ter contato pessoal com a criança TEA, além dos familiares, é o professor. A preparação é algo a ser destacada, porque, na maioria das vezes, não está capacitado para lidar com crianças com deficiência.

Acerca, afirma Salamanca:

As competências necessárias para satisfazer as necessidades educacionais especiais devem ser tidas em consideração na avaliação dos estudos e na certificação dos professores [...] A formação em serviço deverá realizar-se sempre que for possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiados pela formação à distância e outras formas de auto formação (1994, p. 27-28).

É muito importante que o professor, como mediador do conhecimento, busque sempre se aprimorar em determinadas áreas e se especializar. Um bom preparo faz com que alcance rendimentos nas práticas pedagógicas, mesmo que não tenha a formação para o caso específico. O mesmo necessita sempre fazer capacitações para desenvolver melhor o cognitivo das crianças, contribuindo para a sua formação, bem como ampliando seus estímulos relacionados à linguagem, comunicação e comportamento.

Educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação normalidade e competência profissional. Torna-se um desafio descrever um impacto dos primeiros contatos entre este professor e estas crianças tão desconhecidas e na maioria das vezes imprevisíveis (BEREOHFF, 1991, s/pág.).

O nível de aprendizagem dessas crianças varia bastante. Geralmente, são lentos e gradativos, em outros casos, têm habilidades excepcionais em determinada área. Cabe ao professor se mostrar presente nesse processo, é essencial o apoio, atenção e sensibilidade com os alunos.

Atividades e projetos pedagógicos são importantes para a escola ser capaz de incluir as crianças, tendo deficiência ou não, também para proporcionar uma educação de qualidade para todos. Na escola não deve haver distinção. É direito da criança estar frequentando a rede de ensino, tanto a pública como a privada, independentemente de seu transtorno ou deficiência. Para trabalhar a diferença, é necessário dialogar bastante e existir trocas de conhecimentos envolvendo responsáveis e sociedade, que poderá contribuir no desenvolvimento de todos os educandos.

CAPÍTULO II- MÉTODOS DE ENSINO PARA A ESCOLARIZAÇÃO DO AUTISTA

Neste tópico, serão expostos dois dos métodos mais utilizados para facilitar o ensino e aprendizagem da criança autista na Educação Infantil.

2.1 Método TEACCH

Diante das inúmeras dificuldades que o autista enfrenta, há métodos de ensino que são essenciais para facilitar a vida do aluno autista e que podem auxiliar na aprendizagem. O método TEACCH (Tratamento e Educação para Autista e Crianças com Déficits relacionados à Comunicação) é baseado na teoria comportamental que vem sendo utilizado no Brasil desde 1994, porque é desenvolvido para atender as necessidades das crianças autistas. Já há um tempo que esse programa vem fazendo a diferença na vida dessas crianças.

O método TEACCH utiliza uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar as crianças e determinar seus pontos fortes e de maior interesse, e suas dificuldades, e, a partir desses pontos, montar um programa individualizado. O TEACCH se baseia na adaptação do ambiente para facilitar a compreensão da criança em relação a seu local de trabalho e ao que se espera dele. Por meio da organização do ambiente e das tarefas de cada aluno, o TEACCH visa desenvolvimento da independência do aluno de forma que ele precise do professor para aprendizado de atividades novas, mas possibilitando-lhe ocupar grande parte de seu tempo de forma independente (MONTE, 2004, p.9).

Esse método vem para proporcionar autonomia e adaptação do autista por meio da organização do ambiente e das tarefas escolares. É importante lembrar que cada indivíduo deve ser analisado individualmente, pois as dificuldades são apresentadas de formas diferentes, independentemente de serem diagnosticados com o mesmo transtorno.

O planejamento do professor para desenvolver novas atividades diante da utilização desse método visa melhorar o desenvolvimento do aluno, fazendo com que, dependendo do caso da criança, possam ser vistos resultados imediatos. Para Rodrigues:

A criança autista exprime melhor a percepção visual do que a percepção auditiva. O TEACCH durante as estimulações, responde a ela positivamente quando estimulada em ambientes organizados, ou seja, o funcionamento comportamental adaptativo do autista é consideravelmente melhor em condições estruturadas (RODRIGUES, 2010, p. 80).

Esse método vem auxiliando a criança a ter uma boa comunicação, interação social e um bom comportamento, sempre buscando respeitar as suas limitações, bem como sendo o professor compreensivo e atuante no decorrer do processo.

De acordo com Marques e Mello (2005), é importante para a eficácia do método a participação da família e a individualização dos programas. Há diferenças significativas entre uma criança com autismo que tenha dentro da família uma rotina estrutural para seguir e outra não, e que viva livremente sem qualquer acompanhamento. O método facilita na adaptação e assim vai melhorando suas habilidades tanto em casa como na escola.

Para se familiarizar com as necessidades educacionais da criança, o método é usado na avaliação PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado), que é um programa que investiga determinados pontos fontes de maior interesse em suas dificuldades. A partir desse ponto, o programa proporciona ensino e aprendizagem trabalhando as dificuldades apresentadas pelo autista como comunicação, autonomia, socialização e aprendizagem formal (Schopler e Reichler, 1976, citado por Vatauvuk, 1997).

O TEACCH é um método importante que busca desenvolver a independência do aluno com o auxílio do professor para guiar e ajudar nas primeiras e novas atividades, bem como com o intuito de otimizar o tempo da criança tornando-a autossuficiente e autônoma.

2.2 Método ABA

A análise do comportamento aplicada, ou ABA, é uma abordagem da psicologia que é utilizada para compreender o comportamento e vem sendo amplamente usada no atendimento às pessoas com desenvolvimento atípico, transtornos invasivos do desenvolvimento (TIDs) e outros.

A ABA vem do behaviorismo e observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem (Lear, 2004). A ABA é um método da psicologia que está sendo trabalhado em crianças com TEA para analisar o comportamento diante de alguns problemas que acabam sendo prejudiciais para a vida. É um tratamento para facilitar a compreensão e o comportamento no atendimento do autista (Schwartzman, 2003). Ele tem o objetivo de fazer modificações no comportamento observável e oferecer uma qualidade de vida melhor, tendo destaque por ser de uma teoria chamada Behaviorismo, onde nela observa-se, analisa-se e explica-se o comportamento humano.

A análise do comportamento é para possibilitar que as crianças aprendam novas habilidades que ainda não tenham o controle, principalmente que ela venha para incluir o autista em diversos espaços sociais, além do convívio escolar e familiar (Mello, 2001).

O modo que a criança se comporta é variado, pois cada uma responde aos estímulos de maneira diferente. É fundamental o acompanhamento do terapeuta junto com o professor para auxiliar o aluno a agir em determinadas situações, deixando a criança à vontade e respeitando suas limitações de acordo com o que vai se aprendendo. Outro ponto importante é ajudar a responder a esses estímulos que podem ser também respostas inadequadas como birras, entre outras, e que podem ser analisados como dificuldades das crianças (Mello, 2003).

A ABA tem como objetivo ensinar o indivíduo habilidades básicas como realizar contato físico, sentar, esperar, para depois, realizar atividades pedagógicas em grupo. Cabe ao profissional preparar ambientes adequados, sem ruídos de interrupções e objetos que sirvam como distração para a criança, além de procurar identificar relações que existem entre comportamentos inadequados. Com o repertório do indivíduo, é possível reforçar para garantir os comportamentos ensinados (Braga – kenyon, kenloy e cols, 2005). O tratamento é eficaz, os resultados são surpreendentes.

Miguel (2005) destaca em seus artigos a opinião da comunidade científica:

“A academia nacional de ciências dos EUA, por exemplo, concluiu que o maior número de estudos bem documentados utilizaram-se de métodos comportamentais. Além disso, a Associação para a Ciência no Tratamento do Autismo dos Estados Unidos afirma que Análise Comportamental Aplicada é o único tratamento que possui evidência científica suficiente para ser considerado eficaz” (p. 2).

O tratamento trouxe muitas vantagens, além de auxiliar a criança a se comportar e se sentir mais confortável em diversas situações, fazendo com que ela tenha autocontrole, generalize e transmita o comportamento ou resposta como, por exemplo, para reduzir comportamento de interferência. A ABA é uma disciplina objetiva, pois foca no que realmente dificulta a aprendizagem do autista, possibilitando terem uma vida melhor.

Esses dois métodos são importantes para o desenvolvimento e interação da criança. Eles ressaltam a importância da família juntamente com o autista, pois são os membros mais íntimos que a criança conhece e convive. Os pais e responsáveis podem estar se comprometendo em ser o mediador do processo na aprendizagem, conduzindo-o em atividades em casa, desenvolvendo conceitos e dando sugestões nas atividades didáticas e oferecendo todo apoio que é preciso (Lean, 2004).

CAPÍTULO III - ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ALUNOS COM AUTISMO

As estratégias ou práticas pedagógicas são essenciais para a vida estudantil da criança. São processos dinâmicos na aprendizagem que são aplicados nos conteúdos e atividades didáticas e necessários para a formação da criança. O objetivo é ampliar métodos e técnicas de ensino que possam ser explorados para produzir e contribuir para enriquecer o conhecimento do aluno.

[...] práticas que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por dada comunidade social. [...] enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociação e deliberações com um coletivo (FRANCO, 2012, p. 154).

As práticas devem ser realizadas de forma organizada para atender às expectativas educacionais, envolvendo diversas influências na área da pedagogia e sendo modificadas conforme a necessidade. O educador deve articular estratégias para que seu planejamento possa alcançar os objetivos no desenvolvendo e competências do aluno com deficiência. De acordo com Cunha (2016, p. 93), desenvolver práticas pedagógicas que podem ser utilizadas na inclusão do aluno com TEA em sala de aula é necessário para a independência e autonomia por meio de atividades, jogos e brinquedos:

Memória, concentração e equilíbrio: em atividades que estimulem, a organização do material de trabalho;
 Socialização, direitos e deveres: em exercícios que trabalhem limites e vida prática;
 Organização do pensamento e da linguagem: na ordem de execução das atividades
 A internalização do papel do aprendente no aluno: em atividades que valorizem a escola e os seus atores
 Socialização, alteridade, afetividade e inclusão: em atividades com a participação do grupo discente, em atividades de vida prática e durante as refeições com demais aluno.

É fundamental que o professor tenha cautela ao planejar ou desenvolver as atividades que estimulam a capacidade e o cognitivo da criança, bem como “[...] a independência e autonomia diária do aluno, por meios de atividades, jogos ou brinquedos que representem e exercitem [...] aspectos da vida cotidiano” (Cunha, 2016, p. 91). A aprendizagem envolve técnicas e métodos que são de tamanha importância para o espaço escolar. As práticas diárias que podem ser trabalhadas com o aluno autista são:

atividades para comunicação, cognição e linguagem: livros, jogos coletivos, pareamento de concreto com símbolo, música, desenho, pintura, jogos e atividades que utilizem novas tecnologias digitais e estimulem o raciocínio;

atividades para desenvolvimento matemático: blocos lógicos, pareamento do concreto com o simbólico; encaixes geométricos, jogos e atividades que utilizem novas tecnologias digitais, atividades com temas do cotidiano e que estimulem o raciocínio lógico-matemático;

atividades para o desenvolvimento motor: exercícios que trabalhem as funções motoras e sensoriais, encaixes diversos, colagem, recorte, atividades físicas, atividades com música e de vida prática;

atividades para socialização: atividades esportivas individuais e coletivas; atividades pedagógicas em que o aluno possa compartilhar com a turma o seu saber; atividades que possam ser realizadas por todos os alunos;

atividades para o desenvolvimento do foco de atenção: atividades e pesquisas áreas distintas do conhecimento sobre temas que o educando tem interesse; atividades com novas tecnologias digitais, recortes diversos com tesoura, música, arte, desenho, pintura e vida prática (CUNHA, 2016, p. 95).

Referente à linguagem, é ideal que o professor seja criativo para procurar elementos que possam ser feitos para estimular a comunicação. Atividades essas que podem utilizar-se de cartões, imagens, figuras de paisagens ou fotografias que sejam familiares ou de objetos pessoais. É interessante realizar brincadeiras relacionadas ao cotidiano da criança, fazendo com que a mesma dialogue e interaja tendo contato sensorial, bem como “[...] proporcionar condições para a construção de significados” (Cunha, 2016, p. 69). Silva (2012) relata sobre o comportamento direcionado ao aluno autista.

O autor ressalta que educandos com TEA apresentam agitação e desconforto, e estes comportamentos são típicos deles. Neste caso, o professor deve criar atividades com determinados recursos, organizar o contexto na sala de aula e tudo que realiza, garantindo a permanência do aluno no ambiente. Ainda afirma que:

No ambiente escolar (e no lar) pode ser montado um painel de rotina, no qual estarão as atividades que a criança realizará ao longo do seu dia, como comer, brincar e ir ao banheiro. Esse material pode ser confeccionado através de imagens, palavras ou materiais concretos, a fim de organizar o espaço físico a ser trabalhado. Com isso, a criança conseguirá visualizar sua rotina, estruturar melhor o seu dia, o que facilita o aprendizado e proporciona mais autonomia (SILVA, 2012, p. 84).

Para se trabalhar as atividades matemáticas é preciso que o educador use recursos que estão presentes no cotidiano do aluno, como “[...] blocos lógicos, caixa de cores, barras coloridas que indiquem unidades numéricas e encaixes geométricos, dentre outros materiais para o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático” (CUNHA, 2016, p. 78). Também são aplicados nos conteúdos didáticos os jornais, revistas, livro didático, matérias descartáveis como tampas de garrafas, entre outros objetos. Mesclando o concreto e o lúdico para que o aluno possa se motivar e mostrar interesse e sentido nas atividades. Em relação à concentração, pode-se desenvolvê-la utilizando músicas, danças, pinturas, jogos temáticos e brincadeiras bem elaboradas. Na questão da leitura e escrita, é importante o auxílio das

práticas que estão associadas ao comportamento anterior, como coordenação motora fina, memória, linguagem e atenção (Cunha, 2016).

Conclui-se que as práticas ou estratégias utilizadas no ensino da criança autista é de extrema importância pelo fato de incluí-las no convívio escolar e superar suas dificuldades. É essencial que o professor as elabore pensando no quadro que a criança apresenta, podendo ser modificadas e ampliadas no decorrer do tempo e conforme aprendizagem do aluno. A sala de aula deve ser um local aconchegante e que vise transformar a vida dessa criança por meio de estratégias para que a mesma tenha oportunidade de aprender.

A experiência em trabalhar com crianças autistas acaba sendo algo assustador e desafiador para muitos profissionais, mas com o tempo, passa a ser encantadora e admirável. Com tudo, trabalhar com essas crianças é maravilhoso e se torna admirável com o tempo. Com cada avanço, elas percebem o quanto são capazes e que podem vencer suas dificuldades e terem uma vida melhor (Freire, 2005).

3.1 A família da criança autista como parceira da escola

Está explícito na Constituição Federal no artigo 205 (1998), e na Lei de diretrizes e bases (LDB, 1996), no seu artigo 2, afirmando que:

A educação é dever da família e do Estado. A família é convocada, pelo poder público, a participar do processo de formação escolar: no primeiro momento, matriculando, obrigatoriamente, seu filho, em idade escolar, no Ensino Fundamental. No segundo momento, zelando pela frequência à escola e num terceiro momento se articulando com a escola de modo a assegurar meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento e zelando, com os docentes, pela aprendizagem dos alunos. (LDB, 1996, art. 2)

Assim, todo tem o seu papel dentro da aprendizagem, tanto os pais quanto os professores em sala de aula, e estes trazem consigo aspectos sociais e culturais que são fundamentais para o processo de desenvolvimento cognitivo de uma criança. O que, configura que, não é apenas papel da escola garantir que o aluno aprenda, mas a família também tem uma parcela importante para que os filhos aprendam dentro e fora da escola.

No entanto, o que se ver é que os pais estão tentando se esquivar dessas responsabilidades, e quando as crianças apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, existem pais que logo colocam a culpa nos professores ou na escola.

Atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que os professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras até hábitos de higiene pessoal. Justificam alegando que trabalham cada vez mais, não dispondo de tempo para cuidar dos filhos. Além disso, acreditam que educar em sentido amplo é função da escola. (COSTA, 2000, p. 35)

Entretanto, nem sempre os pais e professores, tem informações suficientes para tratar com as dificuldades apresentadas pelas crianças, e ainda, muitas vezes, os pais não conseguem ajudar o seu filho em casa, também por falta de escolarização, e conhecimento para acompanhar o nível de aprendizagem dos filhos.

É preciso compreender que, o com a ajuda dos pais em casa, o aluno sem dúvida desenvolverá melhor na sua vida estudantil, pois quando a escola pode contar com a colaboração dos responsáveis pela criança, pode exigir um pouco mais dele e assim contribuir para que aprenda muito mais.

No que se refere educação inclusiva a família tem uma participação cada vez mais importante, pois além das contribuições que são inerentes ao acompanhamento familiar, ainda se recorre as necessidades especiais, pois os pais e responsáveis conhecem as peculiaridades e as dificuldades de seus filhos desde sempre e esse conhecimento é que vai auxiliar aos professores para que possam contribuir com a aprendizagem de seus filhos.

Diante disso, a escola e a família são âmbitos em que a aprendizagem acontece, e para que se possa promover o saber é necessário que ambas se juntem em função do desenvolvimento do aluno portador de necessidade especial.

Compete aos profissionais da escola, em conjunto com a comunidade, demonstrar que a escola tem competência para atender às necessidades de todos os estudantes. Para persuadi-los, retórica não basta; há que se apresentarem propostas e resultados concretos que garantam o acesso, a permanência e o sucesso dos alunos com necessidades educacionais especiais nas salas e escolas comuns da rede regular de ensino. (BARBOSA, ROSINI E PEREIRA, 2007, p.457).

Antes de mais nada é importante que a família e a escola sejam aliadas nesse processo, para que em casa seja dado seguimento nos conhecimentos que são desenvolvidos dentro da escola, para que a criança possa ter a garantia de uma aprendizagem mais satisfatória.

A inclusão social parte da própria família, é ela que inicia a inserção dos seus filhos portadores de necessidades especiais na sociedade em geral, e ao matricular na escola é preciso acompanhar o desenvolvimento e estar sempre à disposição para que a escola possa fazer o melhor para a criança.

Para que os alunos autistas sejam inseridos no ensino regular, a relação mais importante entre a família e a escola é a real necessidade de que haja uma interação entre esses dois espaços de formação humana e cidadã. Sabe-se que a educação acontece de forma contínua e que será levado pelo aluno por toda a sua vida, mas que precisa seguir algumas etapas para que aconteça de forma eficaz.

Atualmente o que é mais discutido nas academias de licenciatura e entre as reuniões pedagógicas são a importância que haja a aproximação entre a escola e a família, para que ambas possam caminhar juntos, para conseguir atingir os atuais objetivos da educação formal. No que se refere aos alunos autistas, é necessário, portando que as responsabilidades sejam divididas, e não se referindo apenas aos pais dos alunos, mas a comunidade escolar como um todo. “As crianças precisam ser protegidas e cobradas de acordo com suas necessidades e capacidades, protegidas nas situações das quais não seguem se defender, e cobradas naquilo que estão aptas a fazer.” (TIBA, 2007, p.63)

Justamente por isso, que papel que cada uma desempenha tem uma aproximação e uma semelhança muito grande, pois não cabe somente a escola a educação, mas a família também tem que assumir a responsabilidade da aprendizagem e formação de seus filhos, essa missão comum se resume em proteger, cuidar para que a criança tenha interesse pelo aprendizado, promover para criança momentos em que possa agir de forma autônoma, propor momentos de em que a criança aprenda a ganhar e perder. É importante entender que a relação que o aluno tem com a escola não depende apenas da família em que ele foi criado. Para que a educação dos autistas aconteça, a família tem um importante papel, pois é ela que vai orientar a criança para a maneira com ele vai se comportar na escola no dia seguinte, é a família que vai contribuir para que a criança compreenda que pode confiar no seu professor que a escola é um espaço bom para ele estar.

Outro fator importante é que, é indispensável que os pais estejam sempre à disposição quando a escola necessitar de conversar, tirar as suas dúvidas em relação ao comportamento da criança, e junto com o professor pensar nas melhores maneiras de atuar com essa criança.

O reconhecimento de que nem todos os pais querem ou podem contribuir com a escola/creche ou com o processo educativo da mesma forma ou que nem todos precisam de orientação é uma das características do modelo de Hornby. Para isso ser reconhecido pela instituição é preciso que a comunicação flua constantemente oportunizando as trocas de informação em prol de uma parceria. (BHERING E DE NEZ, 2002, p.65)

Para que o processo de ensino e aprendizagem dos educandos autistas aconteça de forma correta é necessário que a família e escola execute de forma correta suas tarefas de modo que seja cada vez melhor. Dentro dessa mesma linha de pensamento, se todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem realizar seu papel de forma eficiente, e depois esse bom trabalho for realizado em equipe certamente, os resultados obtidos serão satisfatórios e ninguém ficará sobrecarregado realizando suas tarefas e dos outros.

A família será o suporte para nortear a criança na aquisição da linguagem, na compreensão para conviver com as outras pessoas, uma vez que a maneira com que ela pensa, age e sente depende da interação com o meio social.

A qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a conhecer sua realidade; a refletir; a superar contradições reais ou aparentes; a identificar premissas subjacente; a antecipar consequência; a entender novos significados das palavras; a distinguir efeitos de causas, observações de inferência e fatos de julgamentos. (BORDENAVE, 1983, p.72-73).

E essa participação que se faz necessária, uma participação coerente e consistente. É o poder que se tem nas mãos. Os pais das escolas têm que resistir ao processo histórico que nos impõe tais condições. Sabemos que amparo da família, os cuidados e maneira com que tratam seus filhos são é fundamental para o desenvolvimento psicológico, cognitivo, e ainda na formação cidadã da criança.

Um outro fator que é demasiado importante para o desenvolvimento humano é a afetividade que é construída entre os filhos e seus pais, esse afeto, vai além dos cuidados de higiene, físicos e pessoais, permeia aos cuidados inferior, a doação de carinho, confiança nos filhos, o que faz deles mais seguros para exercer sua cidadania e construir sua própria identidade de cidadão.

Para tanto, é preciso que os pais estejam atentos a formação cognitiva de suas crianças, sendo parceiros e participantes da escola, considerando que se trata de duas entidades que tem a mesma finalidade, a aprendizagem, a construção de valores, e preparar o indivíduo para se tornar um adulto de boa índole.

Isso comprova que, quando essas duas instituições andam juntas os resultados que são obtidos no processo de aprendizagem são mais significativos e melhores. Para que a eficácia da escolarização aconteça é preciso conhecer o papel de cada um, e como uma pode ser aliada da outra para que possa obter resultados satisfatório no processo. O que se ainda é que. As duas instituições estão passando por momentos complexos e críticos, e que não estão

cumprindo aquilo que deveriam fazer dentro do que lhe concerne, para a transformação pessoal e profissional dos educandos.

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA DA PESQUISA

Pesquisar consiste em um conjunto de ações que visam conhecimentos em um determinado. A pesquisa científica é um processo de investigação para encontrar respostas frente aos problemas encontrados em alguns âmbitos. Nesta pesquisa, é importante avaliar o problema que apresente interesse para um trabalho que trará resultados que poderão ser relevantes para o interesse social. Gil (2010, p. 1) diz que pesquisar é “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 139), pesquisar “é um procedimento formal, com métodos de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Os procedimentos utilizados na pesquisa têm relevância nesse processo, permitindo que o pesquisador use métodos e técnicas para a busca de suas respostas, conseqüentemente, atingindo seus objetivos. Além do foco no objetivo que queira obter, esses procedimentos ajudam a traçar novos caminhos científicos, de forma que a teoria seja reformulada, caso já exista, ou seja, construída, caso os resultados apresentarem novos fenômenos (VEGARA, 2005).

Realizamos no presente trabalho pesquisas bibliográficas. De acordo com Gil (2002, p. 44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Trata-se de informações necessárias para embasamentos dos estudos feitos acerca dos desafios da criança autista no convívio escolar na Educação Infantil. Durante a pesquisa, foi necessário analisar, interpretar e avaliar as teorias, e assim contribuir para entender e explicar o problema. A pesquisa teve a contribuição de diversos autores para obtermos o entendimento e clareza do tema proposto.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Conforme acima citado, a pesquisa bibliográfica é um levantamento feito a partir de fontes seguras como livros, monografias, artigos, revistas e sites confiáveis ou qualquer outra

fonte que tenha conteúdo documentado. Ela também se utiliza de autores que servirão como referência para todo o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado acerca do autismo tem a importância de mostrar os desafios que a criança enfrenta no convívio escolar, apresentando dificuldades que limitam a sua interação, comunicação e problemas comportamentais.

De acordo com o presente estudo, é possível incluir crianças com Transtorno Espectro Autista (TEA) em uma escolar regular de ensino. Apesar das dificuldades, elas têm o direito de frequentar qualquer instituição porque são asseguradas por lei, ultrapassando o ato da matrícula. O papel do professor é fundamental nesse requisito, pois como mediador, deve buscar métodos e técnicas para obter resultados satisfatórios. É preciso ter cuidado e atenção ao elaborar atividades didáticas.

O convívio escolar é a peça principal, pois a convivência compartilhada nesse ambiente colabora para a inclusão no ensino regular, tornando possível o contato e a socialização com as demais crianças. Isso não só contribui para o seu desenvolvimento, como também para o dos demais. Proporcionar ao autista a convivência com crianças da mesma faixa etária pode ajudar a estimular a sua capacidade interativa e evitar o isolamento contínuo. Na perspectiva da escola inclusiva, as crianças precisam muito mais do que uma sala especial, tem vários métodos e técnicas que podem ser feitos com o próprio autista.

Acredita-se que o foco é que eles também possuam um grande potencial de aprendizagem. É evidente que precisam de suporte e instruções claras para acontecer, por isso é relatado na pesquisa a importância do apoio da família e do corpo docente nesse processo.

É necessário que todos no ambiente escolar tenham condições e reconhecimento da capacidade do autista. É ideal informar sobre o diagnóstico para saberem lidar com a situação através de ajuda dos profissionais na área e do apoio da família. A presente pesquisa respondeu às expectativas esperadas. A inclusão é fundamental nesse processo de transição entre casa e escola, porque o autista sofre com essas mudanças mediante a um ambiente que lhe será estranho, mais rico de integração, convivência e socialização.

Conclui-se que a educação é algo primordial para o desenvolvimento de qualquer ser. A educação é a porta para ampliar as habilidades sociais, acadêmicas e de convivência na vida deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Ana Cláudia Prazeres França Calvalcanti de; ANDRADE, Frinea Martins da costa. **Receitas de brincadeiras: a arte de desenvolver vários tons de azul**. Recife: Edição do autor, 2015.
- BEREOHFF, Ana Maria P. **Autismo, uma visão multidisciplinar**. São Paulo: GEPAPI, 1991 s/pág.
- BOSA, C. (2006). **Autismo: Intervenções psicoeducacionais**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 28. (1), 1-15.
- BRASIL. (2008). **Secretaria de Educação. Fundamentais Parâmetros Curriculares Nacionais. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**, vl 10. Brasília.
- BRITO, Elaine Rodrigues. **A inclusão do autista a partir da educação infantil: Um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no Município de Sinop - Mato Grosso**, Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 82- 91, jun./jul. 2015.
- CARVALHO, R. E. **Escola Inclusiva: A reorganização do Trabalho Pedagógico** 1. Ed. Porto Alegre: Mediação 2008.
- CAVALCANTE, Meire. **Inclusão: A sociedade em busca de mais tolerância**. Nova Escola, São Paulo, n. 196, p. 164, out 2006.
- COMENTÁRIO DOS ART. 58 E 59 DA LDB SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Pedagogia ao pé da letra*, 2013. Disponível em: < <http://pedagogiapedaletra.com/comentario-art-ldb-sobre-educacao-especial/>>. Acesso em: 26 de maio de 2023.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar- ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.
- _____. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais** __ NEE IN: conferência Mundial sobre NEE. Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca / Espanhol: UNESCO 1994. Disponível em http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf. Acesso em 09 jun .2023.
- DRAGO, Rogério. “**O bebê com deficiência infantil: perspectivas inclusivas**”. In: ORRÚ, Silva (org). **Estudantes com necessidades especiais: singulares e desafios na prática pedagógica inclusiva**. Rio de janeiro: wak editora,2012.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. 37

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação: saberes Pedagógico/Coordenação Sema Garrido Pimenta).

GAUDERER, C. (1993). **Autismo**. São Paulo: Atheneu.

_____. (1997). **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: Guia prático para pais e profissionais**. Rio de Janeiro: Revinter.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5° Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEAR, K. **Ajude-nos a Aprender**. (Help us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA Part 1: Training Manual). Traduzido por Windholz, M.H.; Vatauvuk, M.C.; Dias, I. S.; Garcia Filho, A.P. e Esmeraldo, A.V. Canadá, 2004.

LEE, C. **The Growth and Development of Children**. Londres: Longman, 1977.

LEON, V. & Bosa, C. (2005). **Perfil psicoeducacional revisado (PRP-R): Elaboração da versão Brasileira**. In: Camargo Jr. W. Transtorno Invasivo do Desenvolvimento: 3° Milênio/Walter Camargo e Colaboradores. Brasília: Ministério da Justiça, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, AMES, ABRA, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa. Eglér. **A intenção de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon, 1997.

_____. **E. Inclusão social: o que é? Por quê? Como fazer?** (Coleção cotidiano escolar). Ed. Moderna, São Paulo, 2003, pp.12-20.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, M. B. & Mello, A. M. S. (2005). **TEACCH – Treatment and education of autistic and related communication handicapped children**. In: Camargo Jr. W. Transtorno Invasivo do Desenvolvimento: 3° Milênio/ Walter Camargo e Colaboradores. Brasília: Ministério da Justiça, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, AMES, ABRA, 2005.

MELLO, A. M. S. (2001). **Autismo: guia prático**. Brasília

_____. **Autismo: guia**. 6.ed. São Paulo: AMA, 2007.

ORRÚ, Silva Ester. **“Trajetórias, avançadas e desafios na concepção e educação de educandos com autismo”**. IN: ORRÚ, (org). **Estudantes com necessidades especiais: singulares e desafios na prática pedagógica inclusiva**. Rio de Janeiro: Walk. Editora, 2012.

PEETERS, Theo, **Autismo: Entendimento Teórico e Intervenção Educacional**, Rio de Janeiro, Editora Cultura Médica, 1998.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **A criança autista: um estudo psicopedagógico.** (org) – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano dos. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar.** Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Distúrbios de aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2008.

SCHWARTZMAN, J. S. & Assumpção Jr, F. B. (1995). **Autismo infantil. São Paulo: Memnon.**

SILVA, Ana Beatriz Barbosa [et al]. **Mundo singular: entenda o autismo.** Fontanar, 2012.

SILVARES, E. F. M. (2000). **Estudos de casos em psicologia comportamental infantil** Vol. I. São Paulo: Ed. Papyrus.

VASQUES, C.K; BAPTISTA, C.R. **Transtornos Globais do Desenvolvimento e Educação: um discurso sobre possibilidades.** In. Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2, 2003, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2003. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/html/343-of4 - st2.htm>. Acessado em 10 de outubro de 2017.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2005.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança.** Artes Médicas, Porto Alegre, 1996.